



Ana Luzia Fernandes tem uma explicação para a compra parcelada: "Pobre gosta de sofrer aos poucos"

Furacão no bolso do consumidor ²¹⁹

SÃO PAULO – O cidadão brasileiro que não investe em ações nem é dono de empresa sentiu chegar a seu orçamento os efeitos da crise das bolsas em todo o mundo. Tudo começou quando o Banco central determinou o aumento da taxa de juros. Na tentativa de alavancar as vendas, que já estavam em queda, o comércio transformou em promoção a manutenção das taxas antigas, já suficientemente altas. No primeiro fim de semana após o anúncio, grandes redes de lojas, como Mappin e Mesbla, publicaram anúncios garantindo que manteriam inalteradas as condições para compras a crédito.

A mesma medida foi adotada pelas revendedoras de automóveis, que lutam para se desfazer dos estoques de veículos modelo 97. O esforço, que incluiu também a ampliação do horário de atendimento, não foi suficiente para reverter a situação. Apesar do

movimento, pouca gente se dispôs a encará-lo crediário.

Os reflexos da turbulência no mercado financeiro chegaram ao dia-a-dia do brasileiro logo no início da semana. No Banco Cacique, financeira da cadeia G. Aronson e A Barateira entre outras, a taxa de crédito direto ao consumidor passou dos 9% ao mês para 12%. Nas lojas Arapuã, que suspenderam as vendas a crédito durante três dias, os juros passaram de 4,5% e 6,8% mensais para 6,5% e 8,9% respectivamente. O prazo máximo de financiamento foi reduzido de 30 para 18 vezes.

O Bradesco manteve inalterada sua taxa de 9% ao mês no cheque especial e os juros cobrados nas linhas de crédito pessoal. Para os financiamentos com prazo de até 12 meses pré-fixados, a taxa permaneceu em 6,8% e nos pós-fixados de um a quatro meses, TR + 4%. Os juros no car-

tão de crédito rotativo passaram de 8,5% para 10% ao mês.

Nos bancos HSBC, Itaú e Unibanco, os juros do cheque especial foram mantidos, mas no Real a taxa foi para 12,40%. As taxas dos cartões de crédito também aumentaram: a do Credicard/Mastercard pulou de 10,55% para 11,50% e a do Ourocard/Visa, de 8,3% para 9,5%.

A média mensal da taxa de juro no comércio passou de 9,08 para 10,90 na semana passada. Segundo a Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), as linhas de Crédito Direto ao Consumidor tiveram aumento médio de 2,80%.

Para analistas do mercado, o comércio seguiu o aumento das taxas porque já vinha operando com índices acima do mercado. Até porque não adianta reajustar e não vender.